

APRESENTAÇÃO

Desde a Antigüidade os homens se interrogam acerca do significado da existência. Perscrutam os fenômenos da natureza, buscando decifrar os enigmas do Universo. Tentam, a partir do conhecimento e do domínio das leis naturais, intervir na ordem cósmica, colocar a seu serviço as potências primitivas. Simultaneamente, tomando a si próprios como objeto de estudo, procuram compreender as razões do agir humano. E diligenciam no sentido de estabelecer regras de convivência social que permitam a superação da fase do "homo hominis lupus" e a concretização da utopia da civilização.

O trabalho secular de elaboração e de experiência prática sedimentou conceitos, valores, diretrizes, alargou o saber, estratificou o conhecimento. Produziu a filosofia, a ciência, a ética. Aprimorou e especializou as atividades humanas, as profissões.

A profissão médica sempre teve um papel de destaque na construção de um corpo de conhecimentos científicos e técnicos cuja aplicação prática se guiasse por regras de conteúdo ético-moral. De Hipócrates, figura-símbolo do médico cientista e filósofo, à época atual, com as Ordens dos Médicos e os Conselhos de Medicina, consagrou-se a concepção válida para toda a ciência: o conhecimento deve estar sempre a serviço da humanidade. Para isso, impõe-se a observância de normas bem definidas que submetam o saber médico a uma ética humanista. Nesse sentido, cresce a compreensão de que os próprios institutos científicos e centros de pesquisa devem sofrer algum tipo de controle social, com a coletividade participando mais amplamente na definição dos seus objetivos e de suas prioridades. De modo que a ciência e a ética sejam construções do conjunto social.

É com esta visão que o Conselho Federal de Medicina publica a revista BIOÉTICA, cujo objetivo é despertar a reflexão e o debate sobre as questões da ética em nosso país, particularmente a ética na saúde. Partindo do princípio de que a saúde deve ser abordada em uma perspectiva abrangente, multidisciplinar, é nossa intenção transformar a revista BIOÉTICA em uma tribuna que possibilite diferentes enfoques dos problemas e dos conflitos éticos na Medicina e na Saúde. E, na verdade, multiplicam-se as questões a serem analisadas, novos horizontes se descortinam com o progresso da ciência, mudam os valores, velhos problemas adquirem facetas novas. O surgimento da síndrome da imunodeficiência adquirida, por exemplo, coloca em xeque o instituto do segredo médico, ante situações em que a saúde de terceiros ou da coletividade pode estar sendo ameaçada. E traz para a discussão possibilidades até então insuspeitadas do exercício profissional: terão os profissionais de saúde, como pré-requisito ao seu trabalho, que demonstrar para os seus pacientes que não são portadores do HIV?

Por outro lado, o avanço do conhecimento em engenharia genética aponta para um futuro não muito distante em que será possível interferir precocemente não apenas na terapia de alterações patológicas detectadas, mas, quem sabe, em características de personalidade e comportamento do futuro ser. Os recursos da tecnologia, igualmente, modificaram a situação dos pacientes em estado terminal, tornando possível o prolongamento artificial da vida, às vezes por extensos períodos. Tais circunstâncias suscitaram arguições a respeito do direito do paciente de morrer com dignidade, da prerrogativa de recusar o arsenal técnico que, em tese, estaria a seu serviço, mas que em determinadas situações pode ser visto como uma verdadeira tortura a angustiar seus últimos momentos. Hoje é bem real a possibilidade de o médico ser posto diante de um caso clínico em que precisará decidir se deve ou não desligar os aparelhos que mantêm artificialmente a vida de seu paciente. O que trará à tona, inevitavelmente, o tema eutanásia.

Não menos inquietantes são as dúvidas relacionadas com o tratamento compulsório em psiquiatria. Como um imperativo ético temos que buscar conciliar o dever da sociedade de proporcionar cuidados e tratamento aos pacientes psiquiátricos com o direito destes à liberdade e ao respeito à sua dignidade. Outras indagações surgem ante as perspectivas abertas com a pesquisa em seres humanos, a reprodução assistida, os transplantes de órgãos, a cirurgia estética, todas demandando análise cuidadosa e aprofundada.

Se pensar é próprio do homem, pensemos as grandes questões da Ética na Saúde e na Medicina. E tenhamos por diretriz básica o respeito aos direitos humanos.

Ivan de Araújo Moura Fé
Presidente do CFM

[Índice Revista](#)